

VERBOS-SUPORTE OU EXPRESSÕES LEXICALIZADAS?

Hilda Monetto Flores da Silva
hildaflores@globo.com

Começando nossa pesquisa teórica e, ao mesmo tempo, a busca por um exemplário que nos permitisse aplicar a teoria investigativa passamos à leitura de crônicas, editoriais, reportagens, escritos literários e, para a seleção, ficou estabelecido um período de 2003 a 2006. O material linguístico que levantamos para análise é o mais variado possível, incluindo dados encontrados em relatos, conversas sobre assuntos acadêmicos, em publicações (jornais, revistas, literárias) e muitos retirados do site <http://www.linguateca.pt/> do Primeiro Milhão do CETEMPúblico revisto para a Floresta Sinta(c)tica. Universidade de São Carlos, São Paulo. Precisávamos traçar limites, visto tratar-se de um vasto material e era preciso, ainda, escolher os verbos que seriam analisados e que características deveriam ser observadas para que se adaptassem às questões sobre verbos-suporte e/ou expressões lexicalizadas (cristalizadas) ou solidariedades léxicas (segundo Coseriu). Os verbos-suporte e expressões cristalizadas vêm sendo usados com muita frequência e não poderíamos dizer que este é um fenômeno atual, pois nossa fala é marcada por perífrases desde a sua origem. O verbo é o elemento desencadeador da estruturação do enunciado, é o elemento vivo, dinâmico, em torno do que, outros elementos se encaixam. É preciso que esse núcleo seja amplamente analisado já que contém uma pluralidade de pistas essenciais a uma leitura interpretativa. Nele se concentram dados gramaticais e significativos que conduzirão às demais significações desses elementos.

Surge, então, um problema a ser solucionado. Que tipo de verbo é considerado suporte? Por que a nomenclatura “suporte”? Em geral, ao se estudar o assunto, alguns verbos se destacam e são os que aparecem na maioria das pesquisas. Mas é privilégio desses verbos, chamados gerais, tais como: **fazer, dar, ter, pôr, tomar**, essa categorização?

Num estudo feito por Maria Emília Barcellos da Silva e apresentado no Congresso Internacional “500 anos da língua portuguesa

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

no Brasil”, na Universidade de Évora, em maio de 2000, foram apresentadas expressões sintáticas lexicalizadas encontradas no falar do Rio de Janeiro e de Lisboa. Embora os processos de formação de palavras indicados pela gramática comum sejam os mesmos, as expressões apresentam, semanticamente, diferenças entre falantes de culturas distintas. Há formações que nos permitem perceber uma lexia própria do português do Brasil na formação de verbos-suporte e expressões lexicalizadas ou cristalizadas. Esse fato também sustenta expressões próprias do português de Portugal (cair para o lado= flipar; mandar boca= comentar em voz alta; ir de patins= ser despedido).

O léxico de uma língua não é homogêneo e, como nos afirma (Vilela, 1995, p. 16), “constitui um diassistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) vivem lado a lado com as palavras da língua escrita (ou estilo refletido), as palavras ‘velhas’, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos”.

Há uma língua histórica no Brasil em comum com Portugal, mas o léxico se adapta ao linguajar de cada comunidade linguística, pois existem especializações, segundo Vilela (1995, p. 16) “como em mudar, trocar e cambiar, em que há uma delimitação de áreas: mudar situa-se mais no ‘mundo físico’(mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco – onde depositamos o dinheiro), trocar é o termo mais genérico”. No português do Brasil, tanto dizemos mudar a blusa como trocar a blusa, mas cambiar, usado em Portugal no sentido bancário/monetário, não é empregado no português do Brasil, em que empregamos trocar de banco, mudar de banco, trocar dinheiro (não ouviremos, no português do Brasil, cambiar dinheiro, cambiar de banco). Usamos coloquialmente os verbos mudar e trocar, como variantes discursivas: mudar de marido/ trocar de marido, mudar de casa/ trocar de casa, mudar de hábito/trocar de hábito. Esses exemplos com o verbo seguido de preposição, também podem ocorrer em algumas formas do verbo+ nome: mudar a cor/ trocar a cor, mudar o dia/ trocar o dia, mudar o livro/ trocar o livro.

Maria Helena Moura Neves reserva no livro *A Gramática. História, Teoria, Análise e Ensino* (2002) um capítulo “A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte (p. 189-206)”, estudo que apreciamos na pesquisa. A leitura

desse texto foi usada como base do que nos propomos analisar quanto ao verbo-suporte e às expressões cristalizadas. A autora há algum tempo vem-se dedicando a esse assunto tão polêmico, mas, ao mesmo tempo, instigante.

Partindo do binômio verbos plenos e verbos-suporte, Neves “observa a importância da posição de objeto na apresentação de um único argumento novo e de um único SN lexical numa sentença”. O verbo-suporte apresenta-se com funções complexas e, embora pudesse ser encaixado na categoria de verbos genéricos, já que semanticamente necessita de um argumento nome-objeto, não deve ser simplesmente citado como exemplo definidor dessa categoria.

O verbo-suporte pode enquadrar combinações de “verbos gerais (classes especiais de verbos como fazer, dar, ter, pôr, tomar)” + SN em que os verbos apresentam um certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que conservam uma acepção cuja contribuição para o significado total pode ser explicitada (dar um riso = rir, dar uma investida = investir, dar uma olhada = olhar, ter confiança = confiar...). Ou a combinação de um verbo intransitivo “geral” com preposição e nome deverbal (andar por um caminho incerto).

É importante esclarecer que nos verbos chamados lexicais temos um inventário aberto e os verbos gerais (subconjuntos dos verbos lexicais) constituem um conjunto fechado. Esse semiesvaziamento semântico interfere no tipo de predicação verbal: ação, processo, estado.

O gerativista Radford (*Apud* Neves, 2002, p. 191) propõe uma série de testes para a questão que determina a estrutura de constituintes de uma dada sentença numa língua, pois, mesmo considerando a intuição do analista, observa que esta pode falhar, daí levantar a necessidade de certos instrumentos linguísticos como distribuição, anteposição, posposição, coordenação, intercalação de advérbios e elipse. Radford ratifica que esses critérios serão capazes de distinguir as construções com verbo-suporte das construções fixas, cristalizadas. O autor utiliza os testes a partir de uma pergunta: “Como se determina a estrutura de constituintes de uma dada sentença em uma dada língua?”. Os critérios em número de três, propostos pelo gerativista Radford, para expressões ou combinatórias fixas, postulam o estatuto da unicidade (noção de unidade lexical). Neves adaptou e aplicou

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

testes (em número de sete) para determinar a estrutura dos constituintes de uma construção com a finalidade de auxiliar na caracterização da natureza (*sui generis*, segundo a autora) das construções com verbo-suporte. Pudemos perceber que o uso desses verbos valoriza o processo discursivo e é mais adequado à fala coloquial, mais próxima do usuário. Ao mesmo tempo, ressaltamos que não é tão fácil reduzirmos esse estudo a um conjunto de regras ou testes que definam a questão tão claramente.

Numa língua em uso, enunciados, embora individuais, concretizam-se a partir de cada esfera de utilização elaborada pela língua, tipos relativamente estáveis que formam gêneros de discurso. A variedade de gêneros do discurso é infinita e a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e pode lidar com a língua em seus diferentes aspectos orais e escritos, com as gramáticas da língua, com a formação do léxico e seu ordenamento e significados, além dos aspectos estilísticos.

Inês Duarte (*apud* Mateus, 2003, p. 311) explica que “existem verbos normalmente classificados como verbos principais que, em certas construções, não exibem propriedades típicas desta classe: os verbos leves”.

(a) O jornalista deu o resultado do jogo logo após o apito final do juiz. (Verbo + objeto)

(b) O jornalista deu contribuição importante para o esclarecimento da situação. (O verbo sofreu um processo de esvaziamento lexical __ verbo leve = contribuiu).

A autora em tela afirma que o esvaziamento não é total, sendo “preservada a grelha argumental que o verbo tem como pleno, quando o verbo leve é trivalente” e apõe aos exemplos acima o seguinte:

(b₁) O jornalista deu-lhe contribuição importante.

Não nos parece que haja esvaziamento lexical, mas um abrandamento do significado reforçado pelo nome que lhe serve de complemento sintático e semântico. No caso do exemplo citado, ainda temos o reforço do adjetivo *importante* que reforça a tese da valorização de cada palavra constituinte dos argumentos discursivos. Na análise dos dados poderemos perceber que há expressões cujos pa-

péis temáticos formam grupos significativos que se sedimentaram na língua e não permitem dissolução. Essas não são situações de verbo-suporte, mas “expressões cristalizadas, fossilizadas” que funcionam como fórmulas, segundo Jespersen (*apud* Neves, 2002, p. 190). Como: “1. Vou dar uma chegadinha na casa de meu primo.”; “2. Parece que vão dar festa no apartamento vizinho.”; “3. Dava sinais de cansaço ao fim da competição.”; “4. Deu as costas e saiu apressado.”

Dar uma chegadinha, dar festa, dar sinais de cansaço e deu as costas são expressões que constituem conjuntos fechados e que não necessitam maiores explicações, fazem parte do falar globalizado do usuário da língua comum e não contestados ou sinalizados como de significado desconhecido. Este processo é um recurso próprio da língua falada, seguindo condições de produtividade comuns em línguas vivas. As restrições e especificações das bases de uso ocorrem por exclusão ou inclusão, conforme são ou não acolhidos pela comunidade linguística. Já os nomes deverbais oriundos dos verbos-suporte prototípicos encontram melhores condições de uso no português escrito formal, condições motivadas por características desta modalidade de língua, o que, talvez, tenha levado certos autores, como, por exemplo, Vilela, a considerarem os verbos-suporte como auxiliares.

O corpus, ao ser analisado, partiu do significado dicionarizado do verbo e das diversas possibilidades significativas que ele assume no discurso. Essa análise não vai comportar grupos divididos em: verbo-suporte, expressão cristalizada ou valor polissêmico do verbo. Os verbos-suporte prototípicos muitas vezes ao serem inseridos no contexto tornam-se polissêmicos, são usados estilisticamente.

Não há, em princípio, um limite fixo e claro para as significações das formas de verbo-suporte e de expressões lexicalizadas ou cristalizadas. É importante, ainda, ressaltar que mesmo os verbos-suporte podem ser usados conotativamente, como recurso estilístico, havendo casos de “dispersão semântica” em textos literários ou não. É, portanto, um processo em aberto. E, muitas vezes, é tênue a distinção entre umas e outras, assim como não se pode tratar esse estudo como finalizado, pois é um assunto cujos limites se diluem, vão além das regras e das comprovações. Haverá sempre novas formas surgindo, enquanto houver um homem e sua linguagem.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Diante de uma determinada situação um homem dirá “Fiz o possível.” e um outro perguntará: “E o que significa fazer o possível para você?”. Possivelmente estes dois homens estarão em posições opostas, mas linguisticamente o que significa fazer o possível ou até fazer o impossível? E assim criaram-se formas de dizer para determinados momentos que nada significam senão expressões momentâneas, pontuais ou factuais. Como: levar um abraço, levar um alento, levar uma palavra a alguém; dar uma reprimenda/receber uma reprimenda, dar um aperto/levar um aperto, dar satisfação/tomar satisfação, dar conta/tomar conta. Se levarmos em consideração que dar e receber, dar e levar, dar e tomar, nas circunstâncias apresentadas, mudaram seus sentidos de base e os nomes, que lhes complementaram a expressão, foram usados com características de nomes abstratos, podemos concluir que as palavras que compõem o léxico de uma língua cambiam-se de acordo com o enunciado em que estão inseridas e a que situação do contexto se amoldam. Basta que confrontemos: dei um aperto no vestido/ dei um aperto em José para saber a verdade. Dar um aperto, expressão estruturalmente equivalente e mesmo podendo ser transformada em apertei, não tem a mesma significação nas duas frases, pois na primeira o nome deverbal foi usado com “aspecto de concretude” e na segunda, há um uso mais abstrato.

Observemos os exemplos:

1. A fatura de pensamento pode **dar maus resultados** e nós não queremos **ter um enfarte**.
2. E apelava ao ‘idealismo e ao pioneirismo’ da América como o antídoto capaz de **dar sentido** ao seu enorme poder.
3. Os agentes poderiam **dar vantagem** aos raptos por estes terem ameaçado suicidar-se com os reféns fazendo explodir uma granada.
4. Parecia que tinha acabado de **dar um aperto de mão** a um velho amigo.
5. E têm de existir porque, neste momento, é impossível produzir um filme sem ser em coprodução e sem **dar contrapartidas** a realizadores estrangeiros.
6. O diretor da firma prometeu **dar uma percentagem** dos lucros da empresa.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

7. Boris Ieltsin continua a **dar sinais contraditórios** sobre a forma como vai utilizar a sua vitória política.
8. A esperança **deu lugar** ao pessimismo.
9. Pretende **dar cursos** de aperfeiçoamento. (Contraponto: fazer curso=cursar)
10. Depois de ler o documento, o responsável disse que **daria autorização** para a visita.
11. Para que o rapaz se afastasse, a moça teve de lhe **dar um safanão**.
12. Ela não pode se **dar ao luxo** de não aceitar o emprego.
13. É a aplicação Voice Pilot, que permite **dar ordens** vocais ao computador.

O corpus está em aberto, pois pretendemos fazer apenas uma amostragem, já que se trata de assunto *ad infinitum*, isto é, em processo. A linguagem é a representação fiel do que somos, do que sabemos e discuti-la é ir ao encontro da pluridiversidade que desafia o pensamento e a realização deste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*: estudos de teoria e metodologia linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática. História, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.

Projecto AC/DC: corpus CETEMPúblico. Disponível em <http://lusiadas.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>. Acessado em diversos momentos.

SILVA, Hilda Monetto Flores da. *Verbo-suporte e expressões cristalizadas. Um enfoque sintático-semântico-discursivo*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Orientador: José Carlos Azeredo.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SILVA, Maria Emília Barcellos da. Apresentado nos Anais do Congresso Internacional “*500 anos da Língua Portuguesa no Brasil*”, na Universidade de Évora, em maio de 2000.

VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1995.